



O câmbio é a melhor defesa comercial

Sem uma taxa de câmbio competitiva, todos os outros mecanismos de defesa comercial podem se mostrar ineficazes.

José Reinaldo Lourenço*

O Sindicato Nacional da Indústria de Trefilação e Laminação de Metais Ferrosos (Sicetel) realizou uma série de reuniões com renomados economistas brasileiros, e constatou que existe entre eles um consenso de que o câmbio é o principal responsável pela não competitividade da indústria brasileira, que coloca o Brasil como um país caro para viver e produzir. Nos últimos anos, o Brasil teve uma inflação de 5% a 6% ao ano e a taxa de câmbio não teve uma desvalorização equivalente; muito pelo contrário, em vários períodos houve uma apreciação do real em relação às principais moedas. O aumento dos custos internos, aliado a apreciação da taxa de câmbio, tem ocasionado a perda de competitividade da indústria brasileira, gerando aumento das importações e queda nas nossas exportações.

O setor siderúrgico, que em 2008 teve um superávit comercial

de 4,4 bilhões de dólares, registrou um déficit de 2,5 bilhões de dólares em 2012. Passamos, assim, de um país exportador de aço e seus derivados para importador de aço e de produtos com aço contido. Um movimento semelhante ocorreu em toda a cadeia metal-mecânica, incluindo os fabricantes de máquinas e equipamentos, e na cadeia da indústria química. Segundo o Instituto Aço Brasil, para cada tonelada de aço importada diretamente, são importadas 1,5 tonelada de aço em produtos que contêm aço em sua composição.

No segundo semestre do ano passado, o governo, ciente da gravidade dos efeitos da sobrevalorização do real, ensaiou algumas medidas para desvalorizar o real, com o claro objetivo de defender a nossa indústria. No entanto, a aceleração da inflação, provocada pelo repasse da nova taxa de câmbio aos preços, levou o governo a recuar na desvalorização do real e a priorizar o controle da inflação.

De lá pra cá, a taxa de câmbio estacionou em torno dos 2,00 reais por dólar e a inflação atingiu o teto da meta de 6,5%. Além disso, nos últimos meses, a balança comercial tem apresentado déficits e vem deteriorando os resultados da nossa balança de pagamentos. Ao mesmo tempo, começam a surgir dúvidas sobre se o investimento estrangeiro direto será suficiente para financiar este déficit.

No final de maio, a partir da expectativa do mercado financeiro internacional de que o Fed, o Banco Central americano, iria reduzir os estímulos à economia americana, suspendendo ou reduzindo a compra antecipada de títulos do tesouro que aumentava a liquidez no mercado, o dólar passou a se valorizar em relação às principais moedas internacionais. O real sofreu forte desvalorização e passou a haver uma pressão para que o governo interferisse no mercado de câmbio, para evitar uma continuada desvalorização do real e o provável aumento da

inflação pelo consequente repasse aos preços internos dessa desvalorização cambial. Há um ano, o governo interveio no mercado para evitar a valorização do real; agora, pode entrar no mercado para evitar a sua desvalorização.

Ainda segundo os economistas, em algum momento no futuro haverá um ajuste no câmbio com consequente desvalorização do real. Este ajuste poderá ser feito de forma controlada pelo governo ao longo de um período ou o mercado fará o ajuste no bojo de uma provável crise das contas externas.

O Sictel entende que uma desvalorização controlada é melhor que o ajuste feito pelo mercado e poderá significar uma importante medida de defesa da indústria brasileira. O dilema que se coloca não

é se devemos ou não deixar o real se desvalorizar, mas se a desvalorização deveria ser feita de forma controlada pelo governo ao longo do tempo ou de maneira descontrolada, imposta pelo mercado financeiro internacional.

A taxa de câmbio de equilíbrio geral para alguns economistas oscila entre 2,40 e 2,50 reais por dólar, enquanto para outros a taxa de câmbio que tornaria a indústria brasileira competitiva estaria entre 2,80 e 2,90 reais por dólar. Ninguém, porém, é capaz de definir com segurança qual o nível ideal, mas existe consenso que essa taxa não é mais de 2,00 reais por dólar.

A dificuldade de se decidir pelo ajuste na taxa de câmbio se deve aos efeitos colaterais que essa desvalorização provoca nos índices de

inflação, num momento em que a inflação já esta no limite superior da meta. Talvez o aumento temporário da inflação seja o preço a ser pago para a correção do longo período de apreciação do real, que pode em algum momento ter ajudado a segurar a inflação, mas provocou a perda da competitividade da indústria brasileira e poderá resultar na desindustrialização do país.

Segundo uma frase atribuída ao ex-ministro da Fazenda Mário Henrique Simonsen, "a inflação aleija, mas o câmbio mata". A decisão é difícil, mas é imperiosa: não vamos ter uma indústria forte e competitiva sem uma taxa de câmbio adequada.

**José Reinaldo Lourenço é economista do Sictel.*

www.sictel.org.br

*Na Regional Telhas você encontra
uma linha diversificada em aços planos.*



*Excelência em produtos siderúrgicos
e coberturas metálicas.*

tel.: 18 3421 7377

www.regionaltelhas.com.br

